

Narrativas Historiográficas na Encruzilhada: (RE) Visões da História do Brasil Afro-brasileiro nos Manuais Didáticos Escolares.

Emanuela de Moraes Silva¹

1.Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Tocantins – UFT; *manumorais2006@yahoo.com.br

Palavras Chave: *Ensino de História, História e Cultura africana e afro-brasileira, Manual didático.*

Introdução

Os estudos sobre a História e Cultura africana e afro-brasileira têm nos últimos anos ganhado espaço nas discussões acadêmicas, grupos e movimentos sociais no Brasil. Reflexo da necessidade de desmistificar, quebrar estereótipos e distorções que foram construídas e cristalizadas sobre esta temática. Entendemos a relevância de levar essa abordagem ao ensino básico escolar, no Brasil que, desde 1996, com a LDB e os PCNs em 1997, já sinalizavam em seus temas transversais, as discussões sobre relações étnicas, a formação de identidade, e a riqueza cultural do nosso país e que, em 2003 com a Lei 10. 639 é tornado obrigatório, nas instituições escolares, o ensino de História Cultura africana e afro-brasileira, de maneira interdisciplinar, principalmente na área das Ciências Humanas. Este trabalho vem com a proposta de elaborar um mapeamento de produção e padrão de discursos sobre África e a cultura Afro-brasileira, nos livros didáticos utilizados na Rede Estadual do Piauí, na tentativa perceber como estão sendo construídas essas narrativas históricas, nestes respectivos livros e elencar as possíveis mudanças e as novas abordagens sobre a temática, com a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura africana e afro-brasileira.

Resultados e Discussão

Tomamos como suporte de pesquisa o livro didático História Geral e do Brasil, vol. 2, editora Scipione, 2013, de autoria de Claudio Vicentino, bacharel e licenciado em Ciências Sociais- USP, e Gioanpaolo Dorigo, bacharel e licenciado em História – USP, mestre em Filosofia – PUC – SP.

As temáticas que abordam África estão inseridas nos seguintes conteúdos: Civilizações Antigas: Egito; Diásporas Africanas (deslocamentos populacionais forçados/ Resistência e libertação) África e Ásia no século XIX (Colonização e descolonização). Após a analisarmos os discursos e iconografias do livro supracitado, concluímos que há predominância do modelo europeu de desenvolvimento político, econômico e cultural, conforme a divisão apresentada na ordem cronológica a partir chegada dos portugueses; priorização dos ciclos de desenvolvimento econômico. Quanto a análise iconográfica, contabilizamos 31 imagens que representam @s negr@s dentro do contexto estudado (Escravidão no Brasil) e as dividimos em três Categorias: Trabalho Escravo: 15 imagens; Política: 6; e Religiosidade e cultura: 8.

No livro, as telas dos artistas Jean-Baptista Debret e Johann Moritz Rugendas utilizadas como imagens preferenciais para documentar a época Colonial e o período Imperial.

Ao observarmos as imagens dos artistas em questão, podemos afirmar que reforçam o estereótipo do negro escravizado, como vítima da violência da escravidão. Sujeito passivo que fora maltratado por séculos, sem que haja a “leitura” da resistência e luta dos negros contra a escravidão.

Conforme Stuart Hall (2003), o estereótipo do discurso/imagem racializado, naturaliza a condição do sujeito como uma marca fixa. No caso dos negros escravizados, as telas do artista Moritz Rugendas, ressaltam os castigos, naturalizam os corpos negros castigados, reduzem o cotidiano da sociedade escravocrata às ações do grupo dominante, sem destacar as ações coletivas e individuais da população excluída e escravizada.

Figura 1. Castigos Públicos. Rugendas



Conclusões

Nota-se que estamos em um momento histórico de renovação de nossas práticas de ensino. Isto quer dizer que em nossos dias busca-se um novo eixo de compreensão tendo em vista as narrativas dos livros didáticos. Através da abordagem multifacetada da formação histórica brasileira, de afirmação das diferenças e da identidade pessoal múltipla, da incorporação da História dos povos africanos (sua importância e contribuição para a formação da sociedade brasileira. Nesse novo modelo, está implícita, através da educação, a formação de um novo modelo de cidadão, capaz de compreender e conviver com as diferenças. Viver em uma sociedade plurirracial e pluricultural não deve mais gerar conflitos graves. Como afirma Munanga “a identidade é sempre um processo negociado e renegociado, de acordo com os critérios ideológicos, políticos e das relações de poder”.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VICENTINO, Claudio. DORIGO, Gianpaolo. História Geral e do Brasil.vol.2. São Paulo: Scipione,2013.